

INFLUÊNCIA DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS MATERNAS NO PROCESSO DE  
ADAPTAÇÃO DOS FILHOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Moara Borges Ecke

Monografia apresentada como exigência parcial do Curso de Especialização em  
Psicologia Clínica - Ênfase em TERAPIA COGNITIVA E COMPORTAMENTAL - sob orientação da  
Prof<sup>ª</sup>. Dra. JANAÍNA THAÍS BARBOSA PACHECO

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Instituto de Psicologia  
Porto Alegre, Dezembro/2010

## **RESUMO**

O objetivo desta pesquisa foi investigar as influências das práticas educativas maternas no processo de adaptação dos filhos na educação infantil, em duas mães que tiveram filhos com uma boa adaptação escolar e duas mães que tiveram filhos com dificuldades no processo de adaptação. Foram utilizados, como instrumentos de pesquisa, uma entrevista semi-estruturada, constituída de doze questões abertas que abordaram os temas relativos ao problema de pesquisa e o Inventário de Estilos Parentais. Os resultados mostraram que ambas as mães cujos filhos tiveram uma boa adaptação apresentaram um estilo parental ótimo, o que indica o uso predominante de práticas educativas positivas enquanto, as mães cujos filhos tiveram uma adaptação com dificuldades, apresentaram um estilo parental abaixo da média e de risco, o que aponta para o uso predominante de práticas educativas negativas.

*Palavras-chave:* práticas educativas, adaptação escolar, estilos parentais.

## SUMÁRIO

### CAPITULO I

INTRODUÇÃO.....	5
1.1 O PROCESSO DE ADAPTAÇÃO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL	6
1.2 AS PRÁTICAS EDUCATIVAS PARENTAIS .....	9

### CAPITULO II

MÉTODO.....	12
2.1 PARTICIPANTES.....	12
2.2 INSTRUMENTOS .....	12
2.3 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS.....	13

### CAPITULO III

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	14
--	----

### CAPITULO IV

CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	22
----------------------------	----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	24
----------------------------------	----

### ANEXOS

ANEXO A.....	27
--------------	----

ANEXO B.....	28
--------------	----

ANEXO C.....	29
--------------	----

## **LISTA DE TABELAS**

<b>Tabela 1.</b> Descrição dos Participantes da Pesquisa.....	12
<b>Tabela 2.</b> Índice de Estilo Parental.....	14
<b>Tabela 3.</b> Pontuação por Participantes nas Práticas Educativas.....	15

## INTRODUÇÃO

O processo de adaptação da criança na educação infantil é um período delicado que envolve não só as crianças, mas também pais e professores. Partindo da suposição de que o processo de adaptação gera sentimentos, medos e inseguranças para todos os envolvidos. A literatura refere que os pais podem ser um dos facilitadores deste processo, por isso este trabalho busca investigar as influências das práticas educativas maternas sobre o processo de adaptação dos filhos na educação infantil.

Considerando o contexto social atual, onde as mães estão ingressando cada vez mais no mercado do trabalho, surgem interrogações de como estão lidando com a adaptação dos filhos na educação infantil, sendo que estão cada vez mais cedo dividindo os cuidados maternos com outras instituições, profissionais. Pensando no processo de adaptação na educação infantil e as práticas educativas maternas emergem questões tais como: quais fatores estão implicados no processo de adaptação? Quais são os principais motivos para a escolha do ingresso da criança na educação infantil? Existem diferenças nas práticas educativas utilizadas pelas mães nesse processo de adaptação na educação infantil?

Na tentativa de responder ou contribuir para essas respostas, buscou-se na literatura algumas bases que dão suporte a essas questões. Segundo Rapoport, (2005), existem muitos fatores que interferem no processo de adaptação das crianças, esses fatores variam desde as reações da família, segurança dos pais, escolha da instituição educadora, a idade da criança, assim como seu temperamento. Os motivos que determinam a decisão sobre o ingresso da criança na educação infantil variam de família para família, mas entre as principais razões estão o trabalho das mães e a estimulação para a socialização (Rapoport, 2005).

A partir das considerações acima se pode identificar que a participação da família no processo de adaptação, principalmente da mãe, tem um papel fundamental, com base nisso, neste estudo se investigará se as práticas educativas utilizadas pelas mães tem influência sobre a adaptação da criança na educação infantil. Entendem-se práticas educativas, como estratégias específicas utilizadas pelos pais em diferentes contextos, com o objetivo de orientar, modelar o comportamento dos filhos (Reppold, Pacheco, Bardagi e Hutz, 2002).

As práticas educativas, segundo Gomide (2006) são classificadas como práticas parentais positivas e práticas educativas negativas e podem influenciar nos comportamentos e reações das crianças em diferentes contextos. As práticas educativas positivas são definidas como aquelas que promovem atenção a seus filhos, para suas atividades e formas de adaptação, enquanto as práticas educativas negativas são aquelas que podem levar ao desenvolvimento de comportamentos anti-sociais (Gomide, 2006).

### **1.1 O PROCESSO DE ADAPTAÇÃO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

A adaptação é um processo contínuo de mudança, crescimento, desenvolvimento e amadurecimento; marcado por encontros e desencontros é o momento em que a criança e seus pais passam a criar novas relações afetivas com um novo grupo que se encontra na sociedade: a escola (Henriques, 1987). Segundo autores como Vitória e Rossetti-Ferreira (1993), esse processo de adaptação se inicia nos primeiros contatos da família com a escola, quando as primeiras impressões podem vir a influenciar na forma como a família e a criança irão se adaptar e se relacionar ao ambiente escolar.

Atualmente as mulheres entram cada vez mais cedo no mercado de trabalho exigindo assim novas opções para o cuidado alternativo de seus filhos. Quando se fala em cuidados alternativos estes abrangem quatro tipos principais: pré-escolas, famílias de cuidados alternativos, onde os cuidados são dispensados a um pequeno grupo de crianças na casa do cuidador, cuidados dispensados por um parente, e cuidados na casa da criança dispensados por um profissional (Davis e Thornburg, 1994, citado Rapoport e Piccinini, 2001).

Este trabalho centra-se na adaptação da criança ao contexto da educação infantil e investiga a existência de diferenças nas práticas educativas das mães de crianças que passaram por uma boa adaptação, daquelas cujos filhos não tiveram uma boa adaptação

escolar. Para estudar este processo, buscou-se na literatura aspectos que favorecem ou prejudicam o processo de adaptação.

Atualmente não se tem um conceito definido do que seria um processo de adaptação adequado (Rapoport e Piccinini, 2001). Entende-se por adaptação, como um período planejado anteriormente ao ingresso da criança na educação infantil que visa ampliar os vínculos afetivos e sociais, passando do micro para o macro-sistema. É um processo de extrema importância, tanto para a família quanto para a escola por serem os responsáveis em desenvolver as condições adequadas para o ingresso da criança neste novo ambiente (Rapoport e Piccinini, 2001). Estudos apontam que este processo não acontece somente nos primeiros dias na escola, pode durar meses e alguns aspectos como faltas frequentes, diferenças entre horários de chegadas e saídas da escola podem dificultar a adaptação (Vitória e Rosseti-Ferreira, 1993).

A literatura aponta para dois momentos determinantes no processo de adaptação. A primeira etapa é quando os pais tomam a decisão de inserir seu filho no ambiente escolar, juntamente a isso se inicia a procura por um espaço que atenda as demandas e expectativas da família de acordo com seus valores e sua realidade social. Já o segundo momento, se dá nos primeiros dias quando a adaptação da criança será em reação ao novo ambiente, à nova rotina e principalmente, a separação dos seus familiares. Nesta segunda etapa, a participação dos pais na adaptação da criança frente à nova realidade acontece através de combinações da nova rotina, das mudanças, acompanhamento diário neste primeiro contato com a escola e apoio frente aos medos da criança (Klein, 1991, citado por Rapoport e Piccinini, 2001).

O processo de adaptação ocorre de forma diferente para cada criança, essa diferenciação acontece de acordo com a história familiar, do temperamento da criança, do desenvolvimento cognitivo e emocional, do acolhimento da escola, entre outros. Acontecendo desta forma uma boa ou má adaptação. A má adaptação pode ser percebida através de diferentes fatores, entre eles, podemos citar os sentimentos dos pais sobre a iniciação escolar, a idade e aspectos emocionais e cognitivos da criança (Rapoport, 2005). Doenças físicas, também podem ser sinais de problemas no processo de adaptação, as crianças podem demonstrar no corpo seus sentimentos em relação à separação da mãe, segundo Rizzo (2000), vômitos, febre diarreia, alergias, entre outros, podem ser sinais de alertas.

Em um estudo realizado por Rapoport, (2005), foi possível identificar alguns indícios de dificuldades no processo de adaptação, segundo esta autora, este período não

pode se prolongar por mais de dois meses, ainda é preciso ficar atento a manifestações corporais, como não se alimentar, ter alterações do sono, adoecer com muita frequência, ter alterações esfinterianas, baixa interação com crianças e educadores, assim como manifestações afetivas, como choro intenso, comportamentos agressivos, entre outros. (Rapoport, 2005).

As crianças manifestam diferentes reações durante o período da adaptação e estas muitas vezes são utilizadas para classificá-las como uma adaptação com dificuldades, como por exemplo, o choro é comum entre crianças durante este período, tanto na chegada quando a criança é deixada na creche pelos pais, como na saída, quando os pais retornam para buscá-la, gritos, mau humor, bater, deitar no chão (Balaban, 1988), passividade, apatia, resistência à alimentação ou ao sono e até mesmo a ocorrência de doenças (Vitória e Rossetti-Ferreira, 1993).

O principal indicador de má adaptação envolveria pobreza na brincadeira e na comunicação com adultos e pares, baixa capacidade de expressão de sentimentos positivos e pouco interesse nas atividades da escola, baixa tolerância a mudanças; reações agressivas com pares e educadoras, comportamentos evitativos e resistentes, dificuldade em ser confortado; elevada ansiedade de separação, expressa pelos comportamentos de agarrar-se aos pais durante a separação matinal, chorar e protestar; e recusa ao grupo da creche, associado à hostilidade com as rotinas da creche, brincando somente com seus próprios brinquedos em padrões estereotipados (Varin e cols 1996, citado por Rapoport e Piccinini, 2001),

Quanto ao processo de adaptação adequado, as crianças que apresentam manifestações positivas quanto à presença da educadora, necessitam menos ou não necessitam da presença de um familiar, não tem manifestações alteradas no seu funcionamento fisiológico, tem boa interação com as outras crianças e o próprio ambiente em si, possui boas manifestações afetivas, mostra-se feliz, sorri, brinca, apresenta comportamento calmo (Rizzo, 2000).

De acordo com as considerações acima se percebe que dentre todos os fatores, a relação com os pais, principalmente as mães, tem um papel importante e fundamental no processo de adaptação na educação infantil, neste sentido a qualidade do relacionamento entre pais e filhos, o ajustamento dos genitores e os fatores de estresse que podem ocorrer na família também influenciam esse processo (Dessen e Costa, 2005).



Belsky (1984) apresentou um modelo na tentativa de explicar os processos determinantes das relações familiares, segundo este autor, as relações parentais se constituem em três dimensões: 1) recursos psicológicos pessoais dos pais; 2) as características das crianças; 3) as fontes contextuais de estresse e suporte (Belsky, 1984, citado em Dassen e Costa, 2005).

O processo de educar os filhos é regido por um sistema de valores e crenças dos pais, que conseqüentemente influenciam suas práticas educativas facilitando ou dificultando o processo de educação de seus filhos (Dessen e Costa, 2005), ou seja, identificar as crenças dos pais em relação à educação dos filhos é um fator essencial para a compreensão dos processos de socialização da criança. Um estudo realizado por Luster e Colaboradores (1989), mostra a relação entre valores parentais e comportamento maternal. Os resultados desse estudo mostraram que a educação, o prestígio ocupacional das mães e as rendas familiares estão negativamente correlacionadas com a conformidade e positivamente com a autonomia. As mães que valorizam a conformidade davam ênfase à restrição de comportamentos inadequados, acreditavam que pais eficientes eram disciplinadores e exerciam controle no comportamento dos filhos, usando, sobretudo de práticas punitivas, por outro lado às mães que davam ênfase a autonomia, acreditavam que suas crianças deveriam ser livres para conhecer o ambiente e ofereciam mais suporte emocional aos filhos (Luster e Colaboradores, 1989, citado em Dassen e Costa, 2005).

## **1.2 AS PRÁTICAS EDUCATIVAS PARENTAIS**

Práticas educativas referem-se ao conjunto de estratégias utilizadas pelos pais para orientar o comportamento dos filhos (Gomide, Salvo, Pinheiro e Sabbag, 2005). Vários pesquisadores, ao investigarem as práticas educativas, identificaram relações significativas entre as práticas adotadas pelos cuidadores e o posterior desenvolvimento de problemas de comportamento (Carvalho e Gomide, 2005; Ferreira & Marturano, 2002). As práticas educativas são temas de estudos de diferentes autores, e cada um usa de nomenclaturas diferentes para classificar esse conjunto de estratégias utilizadas pelos pais na construção da educação dos seus filhos. Os Estudos de Hoffman (1975, 1994, citado por Alvarenga e Piccinini, 2001) classificam as práticas educativas utilizadas pelos pais em: práticas indutivas e práticas coercivas. As práticas indutivas têm como objetivo mostrar para a criança as conseqüências do seu comportamento, chamando sua

atenção para os aspectos lógicos da situação, propiciando assim que a criança possa ter a compreensão das implicações de suas ações e, portanto, dos motivos que justificam a necessidade de mudança no seu comportamento. Assim a criança tem a possibilidade de desenvolver uma maior autonomia, podendo generalizar este tipo de informação para controlar seu próprio comportamento em diferentes contextos. (Hoffmann 1983, citado por Alvarenga e Piccinini, 2001). As técnicas indutivas auxiliam de forma mais efetiva, pois produzem um comportamento caracterizado pela independência e pela empatia.

As práticas coercivas caracterizam-se, segundo Hoffman (1975, Alvarenga e Piccinini, 2001), pelo uso da punição física, privação de privilégios e afeto ou pelo uso de ameaças dessas atitudes, este tipo de práticas fazem com que a criança controle seu comportamento em função das reações punitivas dos pais, sem ter um entendimento das suas reações, podendo assim, apresentar emoções intensas tais como medo, raiva e ansiedade, que tendem a diminuir a possibilidade da criança ter um entendimento sobre a situação e da necessidade de modificar seu comportamento. Os estudos de (Skinner 1953, citado por Bolsani-Silva e Maturano, 2002.) apontam que a punição é uma forma de educar os filhos e que auxiliam na modelação dos comportamentos, porém a longo prazo ela tem um efeito contrário tanto para o indivíduo punido quanto o indivíduo punidor, isto porque ela pode gerar emoções perturbadoras, que podem impedir que a criança consiga realizar uma avaliação do seu comportamento, ou seja, podendo não conseguir compreender o seu comportamento com a punição que lhe está sendo aplicada.

Os estudos realizados por Gomide (2003) indicam outras categorias para trabalhar com a temática das práticas educativas, estão divididas em práticas educativas positivas, nas quais se destacam monitoria positiva e o comportamento moral, e práticas educativas negativas que estão subdivididas em negligência, punição inconsistente e monitoria negativa, disciplina relaxada. A monitoria positiva é definida como o conjunto de práticas parentais que envolvem atenção e conhecimento dos pais acerca do local onde o filho se encontra e das atividades que são desenvolvidas pelo mesmo (Gomide, 2001; Gomide, 2003). Segundo Gomide (2008), são ainda componentes da monitoria positiva as demonstrações de afeto e de carinho dos pais, principalmente as relacionadas aos momentos de maior necessidade da criança, quando, por exemplo, eventos aversivos ocorrem com ela. O apoio e o amor dos pais são à base da monitoria positiva, que, unida ao interesse real pela criança, cria o ambiente propício para a revelação infantil e afasta a necessidade de fiscalização estressante por parte dos pais.

O comportamento moral foi definido por Gomide (2001) como sendo o processo de modelagem de papéis na identificação e nas interações humanas, no que se refere principalmente a normas e valores transmitidos através do modelo parental, essa prática educativa está ligada aos comportamentos morais transmitidos aos filhos pelos pais, através de seus próprios comportamentos. Gomide (2004) salienta a importância dos pais refletirem junto à criança sobre seus comportamentos, ensinando-a a se colocar no lugar dos outros e propiciando situações para que ela repare seus atos no intuito de promover reflexões, desenvolver a empatia e em consequência o comportamento moral.

As práticas educativas negativas são aquelas que podem levar ao desenvolvimento de comportamentos antissociais, destaca-se a negligência, monitoria negativa, punição inconsistente (Gomide, 2006). A negligência foi definida por Gomide (2002) como a prática parental que remete à ausência de supervisão e interesse dos pais em relação à vida de seu filho, ou seja, os pais são pouco participativos na educação dos seus filhos, isso pode significar falta de atenção, omissão, descaso. Segundo Gomide (2001), punição inconsistente caracteriza-se pela punição dependente do humor dos pais e não em contigüidade ao comportamento da criança; assim, havendo inconstância nas consequências do comportamento do filho, este não sabe como agir e aprende mais a discriminar o humor dos pais do que a agir de forma correta. A permanência do comportamento indesejado também pode ser uma consequência da punição inconsistente, já que ora é punido, ora não (Gomide, 2003).

A monitoria negativa caracteriza-se pelo excesso de fiscalização da vida dos filhos e pela grande quantidade de instruções repetitivas, que não são seguidas pelos filhos. Essa prática educativa causa ambientes familiares estressados e sem diálogo, uma vez que os filhos podem fazer uso de comportamentos agressivos para proteger dos pais sua privacidade (Gomide, 2003). A disciplina relaxada é caracterizada, por Gomide (2003), pelo não cumprimento de regras estabelecidas. Os pais ameaçam e quando se debatem com comportamentos opostos e agressivos dos filhos recuam, não fazendo valer seu papel de educador (Gomide, 2004).

De acordo com os estudos acima referidos, sabe-se que as práticas educativas podem favorecer o desenvolvimento de comportamentos adequados. Com base nisso busca-se investigar a influência dessas no processo de adaptação das crianças na educação infantil, pois tendo um conhecimento dessas influências é possível eleger melhores formas de orientação aos pais que irão passar por este período.

## MÉTODO

### 2.1 PARTICIPANTES

A amostra da presente pesquisa foi selecionada, a partir da indicação de professores e diretoras de uma Escola de Educação Infantil da cidade de Novo Hamburgo. Participaram quatro mães, sendo duas de filhos que apresentaram uma boa adaptação escolar e duas com filho que apresentaram uma adaptação com dificuldades. A avaliação sobre a dificuldade na adaptação da criança à escola ficou a critério das professoras que indicaram as mães para a pesquisa. Todas as mães estavam tendo a primeira experiência de ingresso escolar. As duplas foram pareadas de acordo com a faixa etária da criança.

A Tabela 1 apresenta os dados descritivos da amostra.

*Tabela 1. Descrição dos Participantes da Pesquisa*

	<b>Grupo</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Estado Civil</b>	<b>Sexo da Criança</b>	<b>Idade Entrada na Escola</b>	<b>Idade Atual</b>
<b>P1</b>	Grupo 1	Superior Incompleto	Casada	Masculino	4 meses	4 anos e 8 meses
<b>P2</b>	Grupo 1	Superior Completo	Casada	Feminino	1 ano	5 anos
<b>P3</b>	Grupo 2	Superior Incompleto	Casada	Feminino	4 meses	5 anos e 7 meses
<b>P4</b>	Grupo 2	Superior Completo	Casada	Feminino	1 ano	5 anos

### 2.2 INSTRUMENTOS

Os dados foram coletados através de uma entrevista semi-estruturada constituída de um total de doze questões abertas. A entrevista foi construída considerando os objetivos do estudo e a revisão da literatura. Os temas abordados na entrevista foram os seguintes: 1) motivos para ingresso dos filhos na educação infantil, 2) fatores que influenciavam na tomada de decisão; 3) sentimentos da mãe em relação à entrada do filho na educação infantil; 4) estratégias utilizadas para enfrentar esse período; 5) as dificuldades encontradas; 6) o momento atual da criança na escola; 7) sobre mudanças

comportamentais da criança durante o período de adaptação. As entrevistas foram realizadas individualmente e gravadas em fitas, sendo posteriormente transcritas.

O segundo instrumento utilizado foi o Inventário de Estilos Parentais (IEP), criado por Paula Inez Cunha Gomide, publicado pela Editoras Vozes (2006) e com parecer favorável pelo Conselho Federal de Psicologia em julho de 2005. Esse instrumento avaliou o estilo parental, ou seja, as estratégias e técnicas utilizadas pelos pais para educar os filhos, por meio de sete práticas educativas, sendo cinco vinculadas ao desenvolvimento do comportamento anti-social: negligência, punição inconsistente, disciplina relaxada, monitoria negativa e abuso físico; e duas relacionadas ao desenvolvimento de comportamentos pró-sociais: comportamento moral e monitoria positiva. O IEP é composto por 42 questões sobre a forma como os pais educam os filhos (Gomide, 2006). Este instrumento foi respondido depois da entrevista. As mães aceitaram participar dessa pesquisa, concordando com as condições da mesma explícitas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Este projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Feevale.

### **2.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS**

Os participantes foram indicados pelos professores de uma escola particular de Educação Infantil de Novo Hamburgo/RS. Após a apresentação do projeto e autorização para a realização da coleta de dados, as entrevistas foram agendadas por telefone, sendo realizado no consultório particular da pesquisadora, também situado na cidade de Novo Hamburgo/RS.

Considerando-se a natureza do estudo, as categorias foram determinadas a partir da leitura dos dados coletados (modelo misto), submetendo os dados a uma análise de conteúdo qualitativa e tiveram o objetivo de responder aos problemas de pesquisa apresentados anteriormente (Laville e Dione, 1999). O Inventário de Estilos Parentais (IEP – Gomide, 2006) foi analisado de acordo com o manual de aplicação, apuração e interpretação do instrumento, sendo as práticas educativas avaliadas correlacionadas com as categorias construídas a partir da entrevista.

## APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O objetivo da presente investigação foi comparar as práticas educativas maternas, de crianças que tiveram uma boa adaptação na educação infantil daquelas que não tiveram uma boa adaptação na educação infantil.

O instrumento utilizado para essa avaliação foi Inventário de Estilos Parentais, que tem como objetivo verificar a forma como os pais educam seus filhos. Este Inventário nos indica o Índice de Estilo Parental, este é fornecido através da diferença entre as somas das práticas educativas positivas e a soma dos resultados das práticas educativas negativas. Quando este índice é positivo indica a prevalência de práticas positivas no repertório dos pais, enquanto este índice for negativo indica a prevalência de práticas negativas no repertório dos pais.

O Índice de Estilo Parental por participante é apresentado na Tabela 2. Os valores evidenciam que P1 e P2, obtiveram um predomínio de práticas educativas parentais positivas, enquanto P3 e P4 predominam as práticas educativas parentais negativas. Também foram incluídas as interpretações qualitativas a partir do IEP encontrado, sugeridas por Gomide (2006), sendo classificadas as P1 e P2 como Estilo parental ótimo, e P3 tendo um estilo parental regular abaixo da média, e P4, um estilo parental de risco.

**Tabela 2.** *Índice de Estilo Parental*

IEP		Interpretação
P1	13	Ótimo
P2	16	Ótimo
P3	0	Regular, abaixo da média
P4	-4	De risco

De acordo com os resultados obtidos no Inventário de Estilos Parentais (IEP), fica evidente que as mães com estilo parental ótimo, apresentaram um índice maior em Monitoria Positiva e Comportamento Moral. No grupo de mães cujos filhos demonstram dificuldades na adaptação houve uma maior pontuação nos itens que indicam uso das práticas educativas negativas, descrito conforme a tabela abaixo.

**Tabela 3. Pontuação por Participantes nas Práticas Educativas**

	<b>P1</b>	<b>P2</b>	<b>P3</b>	<b>P4</b>
<b>Monitoria Positiva</b>	11	11		
<b>Comportamento Moral</b>	12	12		
<b>Punição Inconsistente</b>			6	6
<b>Negligência</b>			4	4
<b>Monitoria Negativa</b>			8	8
<b>Abuso Físico</b>			0	2
<b>Disciplina Relaxada</b>			6	6

Este artigo utiliza a perspectiva teórica de Gomide (2001; 2004) para compreender as práticas educativas maternas usadas no processo de adaptação da criança na educação infantil. Este modelo associa dois tipos de práticas educativas ao desenvolvimento infantil e as define como conjunto de estratégias utilizadas pelos pais como forma de educar os filhos, fazendo assim com que adquiram certos comportamentos considerados socialmente adequados (Gomide, 2001; 2004).

No que se referem às práticas educativas maternas, os resultados acima indicam o uso de práticas educativas positivas (monitoria positiva e comportamento moral), pelas mães cujos filhos tiveram uma boa adaptação na educação infantil (P1 e p2), ou seja, disciplinar, indicar e explicar para a criança as consequências de seu comportamento, utilizando-se dos aspectos lógicos da situação, favorecem ao processo de adaptação, assim como um bom relacionamento afetivo entre pais e filhos é um recurso indispensável para que o processo de adaptação seja adequado (Bonamigo e Rasche, 1988).

As estratégias utilizadas pelo grupo de mães cujos filhos que apresentaram dificuldades no processo de adaptação (P3 E P4), indicam o uso de práticas educativas negativas (punição inconsistente, negligencia, monitoria negativa, abuso físico e disciplina relaxada), ou seja, este tipo de prática faz com que a criança não compreenda as implicações e motivos das ações maternas. O uso dessas práticas na educação infantil pode gerar medo, ansiedade, insegurança e raiva, dificultando assim o processo de adaptação, não oferecendo possibilidades para que a criança desenvolva a internalização de regras, autonomia, padrões morais e sociais (Silva e Marturano, 2002).

Com essa análise podemos constatar que o uso habitual de práticas positivas , favorecem a um ambiente reforçador e seguro para o desenvolvimento da criança, neste

caso facilitando o processo da adaptação na educação, enquanto o uso das práticas negativas, tendem a proporcionar modelos inadequados de interações sociais, sendo pouco reforçador e inseguro para o desenvolvimento da criança, dificultando assim o processo de adaptação na educação infantil.

É importante salientar aqui, que as práticas educativas estão sendo avaliadas agora que as crianças estão com uma faixa etária de cinco anos, ou seja, é possível que mais do que as práticas educativas, a parentalidade dessas famílias tenham contribuído para a adaptação, ou seja, os valores passados de geração para geração, são o que determinam as estratégias adotadas pelos pais. A revisão da literatura aponta para diversas diferenças nas reações da criança à separação materna, quer esta seja prolongada ou de curta duração. Estudos sugerem que estas reações podem estar associadas com inúmeros fatores, entre eles as diferenças individuais do bebê ou criança pequena (temperamento, idade, sexo) a qualidade da relação que mantém com os pais antes e depois da separação, as condições nas quais a criança recebe cuidados, a duração da separação e grau da privação, e os sentimentos e atitudes dos pais (Rapoport e Piccinini, 2001).

Os dados dessa pesquisa apontam diferenças no processo de adaptação, nos aspectos de estratégias maternas frente ao ingresso na educação infantil, à forma cada mãe lidou com as dificuldades geradas por este processo, ou seja, pais que valorizam a auto direção e a responsabilidade utilizam estratégias com poucas restrições às crianças favorecendo a liberdade para a exploração do ambiente. Ao contrário, pais que valorizam a os riscos e fracassos utilizam estratégias restritivas, favorecendo a uma baixa liberdade, autonomia para a criança explorar o novo. (Luster, Rhoades e Haas, 1989, citado em Bem e Wagner, 2006).

A análise de conteúdo (Laville e Dione, 1999) possibilitou a construção das seguintes categorias: Categoria I: Motivação para ingresso do filho na educação infantil; Categoria II: Tomada de decisão; Categoria III: Sentimentos maternos frente a ingresso do filho na educação infantil; Categoria IV: Estratégias das mães utilizadas durante o processo de adaptação; Categoria V: Estratégias utilizadas pelas mães para lidar com as dificuldades. A seguir são apresentadas as categorias e falas das mães correspondentes às descrições das categorias.

- Categoria I: Motivação para ingresso do filho na educação infantil: Nesta categoria foram incluídas as falas dos participantes que referem quais os são os



principais motivos que fizeram com que colocassem seus filhos na educação infantil.

Percebeu-se nesta categoria que as motivações para o ingresso dos filhos na educação infantil, são semelhantes para os dois grupos de mães, sendo as mais descritas, a necessidade de trabalhar dos pais e a socialização da criança.

*“Bem em primeiro lugar porque eu precisava trabalhar” (SIC P1).*

*“Foi também em saber que ali teria condições em não apenas ser cuidada, mas ter ao lado pessoas com conhecimentos pedagógicos e também por ser filha única, ali sabia que ia ter amiguinhos para brincar” (SIC P3).*

- Categoria II: Tomada de decisão: Nesta categoria foram incluídas as falas dos participantes que referem como foi e por quem foi feito o processo de tomada de decisão sobre o momento de inserção dos filhos na educação infantil. As falas de todas as participantes indicam que o processo sobre a inserção dos filhos na educação infantil, foi discutida pelo casal, pesando as vantagens e desvantagens dessa escolha.

*“Os dois juntos... por não quer babá e sim a escola.” (SIC P2).*

*“Sim, eu e meu marido, conversamos bastante sobre o que faríamos quando a babá foi embora.” (SIC P4).*

- Categoria III: Sentimentos maternos frente ao ingresso do filho na educação infantil: Nesta categoria foram incluídas as falas que referem aos sentimentos maternos frente ao ingresso dos filhos na educação infantil, durante o período de adaptação. Todas as mães trouxeram em suas falas sentimentos de insegurança, culpa, tristeza, porém em um período inicial, sendo esses sentimentos minimizados ao longo do processo de adaptação.

*“Quando tive que retornar ao trabalho foi a sensação que eu tive que foi arrancado de mim alguma coisa....” (SIC P1).*

*“E como estava segura da minha decisão foi tranquilo, receio sempre tem, mas não sou assim de ficar pensando e repensando.” (SIC P3).*

- Categoria IV: Estratégias das mães utilizadas durante o processo de adaptação: Nesta categoria foram incluídas as falas que descrevem as estratégias utilizadas com seus filhos durante o período de adaptação. P1, P2, P4 apresentaram

estratégias semelhantes para a adaptação dos seus filhos na educação infantil, ficando claro no discurso de todas quando relatam que explicaram a seus filhos, o significado da escola, os motivos pelos quais os pais se ausentariam, sempre fazendo combinações e cumprindo-as, estabelecendo assim uma relação de confiança. Já P3 não apresentou estratégias explicativas a seu filho sobre o ingresso na educação infantil, não deixando claro os reais motivos da sua ausência. P3 e P4 diferentemente de P1 e P2, permaneceram no ambiente escolar durante um longo período de adaptação, e sempre que solicitada devido às dificuldades da criança se mostravam presentes, privando a criança de desenvolver estratégias de adaptação frente ao novo. O outro grupo de mães (P1 e P2), ao deixar seus filhos na escola, se ausentavam para cumprir suas atividades, e retornavam a escola, conforme combinado, permitindo a criança criar novos repertórios para lidar com a ausência materna.

*“Sempre conversei com ele... eu sempre dizia: ah filho a mãe vai ti deixar aqui, aqui é o lugar que tu vai ficar, é a escolinha, tu vai ficar com os amigos, as professoras vão cuidar de ti, para a mamãe e o papai poder trabalhar” (SIC P1).*

*“Eu durante a adaptação sentava na sala no chão com ela, ia interagindo com a professora, deixava suas roupinhas de cama, carrinho, leite materno, meio dia ia amamentá-la.” (SIC P3).*

- Categoria V: Estratégias utilizadas pelas mães para lidar com as dificuldades: Nesta categoria foram incluídas as estratégias utilizadas pelas mães para lidar com as eventuais dificuldades que passaram durante o período de adaptação de seus filhos na educação infantil. P1 e P2, não apresentaram dificuldades significativas em relação ao processo de adaptação dos filhos na educação infantil, mas quando era necessário recorriam à escola, através de ligações e contatos com professores para saber como estavam seus filhos. Já P3 e P4 relatam que tiveram dificuldades na separação, pois acreditavam que os filhos precisavam da sua presença.

*“Sempre conversei muito com as professoras e diretoras da escola, isso também me passou segurança.” (SIC P2).*

*“Diretora da escola, que era psicóloga, me dizia que eu tinha que controlar esse sentimento, pois não estava a abandonando e precisava ser forte e deixá-*

*la com segurança, não demonstrando insegurança, porque ela poderia sentir isso e ser muito mais difícil para ambas.” (SIC P4).*

De acordo com análise das categorias, podemos perceber que os fatores motivacionais para a inserção, o processo de tomada de decisão e os sentimentos maternos frente ao processo de adaptação dos filhos na educação infantil são semelhantes para os dois grupos de mães (P1, P2, P3 e P4).

As principais diferenças entre os dois grupos se encontram nas categorias IV e V, que são as estratégias utilizadas pelas mães no processo de adaptação e a forma como encarou as dificuldades apresentadas.

Segundo a literatura o período de adaptação não envolve somente a criança, mas família é uma peça fundamental neste processo de adaptação. Este trabalho tem como foco investigar as práticas educativas maternas, ou seja, como a mãe age frente à inserção do filho na educação infantil. (Amorin, Vitória e Rossetti- Ferreira, 2000).

Essa é geralmente a primeira grande separação, entre pais e filhos. Na maioria das vezes é a mãe que tem a incumbência de levar o filho pela primeira vez à escola, com isso, o fluxo de emoções sentido pelas mães reflete nos sentimentos e comportamentos da criança. É comum nesta fase, o surgimento de sentimentos ambivalentes, consistentes ou inconsistentes, como por exemplo: culpa, ciúmes, medos ou até mesmo de deixar de ser amada pela criança, por vezes desconfiança frente a pessoas e local desconhecido. (Balaban 1988). Em outras palavras, a possibilidade da separação materna dependerá muito da atitude emocional da mãe, ou seja, não é possível compreender os sentimentos e comportamentos de uma criança sem pensar nos sentimentos e comportamentos que envolvem os pais. Por este motivo a importância da segurança dos pais, pois é através desta que a criança também vai se sentir segura e confortável para permanecer neste novo ambiente. Na Categoria III, as mães (P1, P2, P3, P4), referem sentimentos semelhantes entre os dois grupos, porém este não foi um fator que teve relevância no processo de adaptação dos filhos na educação infantil, já que todas as mães relataram sentimentos semelhantes.

A forma como os pais vivenciam a decisão de inserir seus filhos na educação, é também um fator relevante. Na categoria I, todas as mães (P1, P2, P3, P4) consideram como fator motivacional, o trabalho dos pais e a socialização da criança. O emprego materno tem exigido novas opções para o cuidado das crianças, atualmente é muito comum o retorno da mulher ao trabalho logo após os primeiros meses de vida do bebê, sendo assim necessária que ela delegue os cuidados a outra pessoa enquanto trabalha. A

escola de educação infantil tem se revelado, muitas vezes, a opção mais procurado pelas famílias, pois é considerado um espaço de socialização para as crianças, já que hoje contam com poucos recursos no espaço doméstico (Loviloso, citado por Rosemberg, 1995).

Existem diferentes fatores que estão ligados à decisão dos pais em inserir seus filhos na educação infantil, entre eles estão: a) a escolha conjunta dos pais, ou seja, cada vez mães esta decisão está sendo discutida pelo casal como uma forma de dividir as responsabilidades e de poder pensar nas vantagens e desvantagens dessa escolha; b) visitas a diferentes escolas, podendo assim escolher aquela vai de acordo com valores, e expectativas da família; c) as indicações, o que aumenta a segurança dos pais em deixar seus filhos na escola; d) outros fatores, como condições financeiras, proximidade e facilidade quanto aos ambientes de trabalhos dos pais (Rapoport, 2008), quanto a este aspecto na análise das falas da categoria II, essas indicam que a decisão sobre a inserção dos filhos na educação infantil, foi uma decisão conjugal, onde o casal pode discutir as possibilidades e as vantagens e desvantagens dessa escolha.

A literatura sobre o processo adaptação sugere diferentes estratégias para as crianças, assim como para os pais para lidar com este período. Nas categorias IV E V, foram investigadas quais foram às estratégias utilizadas pelas mães no processo de adaptação dos filhos, e de que forma lidaram com essas dificuldades, de acordo com as falas acima apresentadas podemos perceber algumas diferenças entre as participantes. P1, P2 P4, relatam que explicaram a seus filhos, o significado da escola, os motivos pelos quais os pais se ausentariam, sempre fazendo combinações e cumprindo-as, estabelecendo assim uma relação de confiança. P3 não apresentou em suas falas estratégias explicativas a seu filho sobre o ingresso na educação infantil, não deixando claro os reais motivos da sua ausência.

Diferentes autores referem que não é só função da família lidar com as dificuldades, a escola pode e tende a ser um recurso facilitador, por isso, confiar na escola e na equipe pedagógica, é o primeiro passo para que se sintam seguros, é importante o esclarecimento de duvidas, para minimizar eventuais incômodos, angustias incertezas quanto à adaptação do seu filho. O processo de adaptação é uma oportunidade, onde os pais podem se conhecerem e interagirem, conseguindo assim compartilhar sentimentos, e perceberem que as crianças são semelhantes, que por vezes estão compartilhando os mesmos sentimentos e dificuldades. (Balaban 1988; Rizzo, 2000; Rapoport, 2005).

O ingresso na escola e as primeiras separações da mãe fazem parte do processo de crescimento da criança, porém existe uma tendência dos pais quererem superproteger os filhos, evitando ao máximo que sofram. Despedidas dramáticas, duradouras e carregadas de emoção só irão dificultar a entrada das crianças na escola, independentemente do comportamento delas, os pais devem procurar demonstrar segurança.

Contudo, podemos perceber de acordo com a análise das categorias que os principais fatores que influenciam no processo de adaptação, são as formas como cada mãe enfrenta esse período, ou seja, a forma com que transmite aos seus filhos seus sentimentos e valores a cerca desse momento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente investigação foi construída do interesse da pesquisadora em melhor entender a relação das práticas educativas materna com o processo de adaptação de crianças na educação infantil. A pesquisa foi elaborada com base na literatura sobre práticas educativas parentais e o processo de adaptação na educação infantil. Esse percurso poderá inspirar grupos de preparação para as mães, cujos filhos entrarão na educação infantil, com objetivo de tornar esse processo o menos doloroso tanto para as mães quanto para as crianças.

Cabe aos pais a função de educar e preparar a criança para o manejo das outras relações que se estabelecerão com o ambiente além do âmbito familiar à medida que ela for crescendo. As práticas educativas parentais têm por objetivo principal auxiliar a criança no desenvolvimento de autonomia, independência e responsabilidade para manejar de maneira adequada o contexto no qual está inserida.

Este estudo mostrou a diferença no processo de adaptação, de acordo com as práticas educativas utilizadas pelas mães. De um modo geral, os resultados obtidos confirmam uma tendência apontada pela literatura sobre a importância e influência das práticas educativas no desenvolvimento comportamental de crianças. Também nos proporcionaram refletir sobre padrões familiares relacionados às práticas educativas e disponibilizar informações sobre as implicações dessas práticas para o desenvolvimento cognitivo, psicológico e social das crianças.

Por fim, é importante ressaltar que o presente estudo foi realizado com mães de uma escola de educação infantil, de uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre. Por isso, devem-se considerar as particularidades da amostra, pois os resultados não pretendem, de forma alguma, ser conclusivos ou passíveis de generalização, mas

estimula para novas pesquisas a fim de melhor entender a correlação entre essas tuas variáveis.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alvarenga, P. & Piccinini, C. A. (2001). Práticas educativas maternas e problemas de comportamento em pré-escolares. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14 (3), 449-460.
- Balaban, N. (1988). *O início da vida escolar: Da separação à independência*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bem, L. A. e Wagner, A. (2006). Reflexões sobre a construção da parentalidade e o uso de estratégias educativas em famílias de baixo nível socioeconômico. *Psicologia. estud.*, 11 (1). Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722006000100008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722006000100008). (Acessado em 05/12/2010)
- Bolsoni-Silva, A.T. & Maturano, E.M. (2002). Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise à luz das habilidades sociais. *Estud. psicol.*, 7 (2). Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-294X2002000200004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2002000200004). (Acessado em 04/10/2010)
- Bonamigo, E. & Rasche, V. (1988). O processo de socialização da criança nas famílias de classe popular. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 4 (3): 295-315.
- Dassen, M. A. & Costa, A. C. J. (2005). *A Ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras*. Porto Alegre: Artmed.
- Rapoport, A. & Piccinini, C. A. (2001). O ingresso e adaptação de bebês e crianças pequenas à creche: alguns aspectos críticos. *Psicol. Reflexão e Crítica*. 14 (1): 81-95.
- Rapoport, A. (2005). *Adaptação de bebês a creche: a importância da atenção de pais e educadores*. Porto Alegre: Ed. Mediação.
- Rizzo, G. (2000). *Creche: Organização, montagem e funcionamento*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.



Carvalho, M. C. N. & Gomide, P. I. C. (2005). Práticas educativas parentais em famílias de adolescentes em conflito com a lei. *Estudos de Psicologia*, 22 (3): 263-275.

Ferreira, M. C. T. & Marturano, E. M. (2002). Ambiente familiar e os problemas de comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15 (1): 35-41.

Gomide, P.I.C. (2001). Efeitos das práticas educativas no desenvolvimento do comportamento anti-social. In M.L. Marinho & V.E. Caballo (Eds.), *Psicologia Clínica e da Saúde*. Londrina, Granada: UEL/APICSA.

Gomide, P.I.C. (2003). Estilos Parentais e comportamento anti-social. In A. Del Prette & Z. Del Prette (Orgs.). *Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem: questões conceituais, avaliação e intervenção*. 21-60. Ed: Alínea. Campinas, SP.

Gomide, P. I. C., Salvo, C. G., Pinheiro, D. P. N., & Sabbag, G. M. (2005). Correlação entre práticas educativas, depressão, stress e habilidades sociais. *Psico-USF*, 10 (2): 169-178.

Gomide, P. I. C (2008). *Pais presentes, pais ausentes*. Petrópolis: Vozes.

Gomide, P. I. C. (2006). *Inventário de Estilos Parentais. Modelo teórico: manual de aplicação, apuração e interpretação*. Petrópolis: Vozes.

Henriques, L. A. (1987). O período de adaptação na pré-escola em um enfoque psicopedagógico. In: B. J. L. Scoz, (et al). *Psicopedagogia – o caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Pinheiro, M. I. S., Haase, V. G., Del Prette, A., Amarente, C. L. D. & Del Prette, Z. A. P. (no prelo) (2006). Treinamento de habilidades sociais educativas para pais de crianças com problemas de comportamento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19: 404-414.

Silva, A., & Marturano, E. (2002). Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise a luz das habilidades sociais. *Estudos de Psicologia*, 7 (2): 227-235.

Vitória, T, & Rossetti-Ferreira, M. C. (1993). Processos de adaptação na creche. *Cadernos de Pesquisa, Rio de Janeiro*, 86: 55-64.

Rossetti-Ferreira, M.C., Amorim, K. S., & Vitória, T. (1994). A creche enquanto contexto possível de desenvolvimento da criança pequena. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, IV: 35-40.

## ANEXO A

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Pelo presente Termo de Consentimento, declaro que fui informada, de forma clara e detalhada, dos objetivos e da justificativa do presente Projeto de Pesquisa. O objetivo da presente pesquisa é investigar se há diferenças nas práticas educativas maternas, em crianças que apresentaram uma boa adaptação escolar e naquelas que apresentam uma má adaptação escolar.

*Trata-se do Trabalho de Conclusão de Curso de Pós Graduação em Terapia Cognitivo-Comportamental, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul realizado pela aluna Moara Borges Ecke e orientado pela professora Dra. Janaina Thais Pacheco.*

Tenho o conhecimento de que irei receber resposta a qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com esta pesquisa; não sou obrigada a participar da pesquisa, caso não houver interesse; terei total liberdade para retirar nossos consentimentos, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo ao atendimento dispensado nesta instituição.

Entendo que não serei identificada e que se manterá o caráter confidencial das informações registradas relacionadas com a minha privacidade. Se os resultados forem divulgados, minha identidade será sigilosa e sob hipótese alguma serão divulgadas. Tenho clareza de que as informações obtidas nesta pesquisa serão guardadas por um período de cinco anos e posterior a isso serão destruídas.

Concordo em participar deste estudo, bem como autorizo para fins exclusivamente desta pesquisa, os dados obtidos. O pesquisador responsável por este Projeto de Pesquisa é a aluna Moara Borges Ecke (CRP 07/16855), que poderá ser contatada pelo telefone (51) 81776950 ou pelo [moara.borges@bol.com.br](mailto:moara.borges@bol.com.br). Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será assinado em duas vias, permanecendo uma com o participante e outro com o pesquisador.

Eu \_\_\_ após termos esclarecido nossas dúvidas sobre a pesquisa consentimos participar deste estudo e declaramos ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

Data:    /    /2010.

---

Assinatura do Participante

---

Pesquisadora

**ANEXO B**

Entrevista:

Nome da Mãe:

Idade:

Profissão:

1. Com que idade seu filho ingressou na Educação Infantil?
2. O que a motivou a colocar seu filho na Escola?
3. Essa decisão foi tomada por toda a família? Como foi?
4. Como foi para você a entrada do seu filho na Escola?
5. O que você conversou com ele sobre a Escola? (como foi a preparação da criança)
6. Quem fez a adaptação da criança à escola?
7. Como foi esse processo?
8. Quais foram às dificuldades que você encontrou no processo de adaptação do seu filho?
9. De que forma você lidou com essas dificuldades?
10. Como você acha que seu está agora na escola?
11. Houve mudanças no comportamento da criança em casa. Como manejou essas mudanças?
12. Quando a criança chegava em casa, conversavam sobre a escola, o que conversavam?

## ANEXO C

## Inventário de Estilos Parentais (IEP) Práticas educativas maternas e paternas Auto-aplicação

*Paula Inez Cunha Gomide*

O objetivo deste instrumento é estudar a maneira utilizada pelos pais na educação de seus filhos. Não existem respostas certas ou erradas. Responda cada questão com sinceridade e tranquilidade. Suas informações serão sigilosas. Escolha, entre as alternativas a seguir, aquelas que mais refletem a forma como **você** educa seu/sua filho(a).

### Identificação

Nome: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_  
 Escolaridade: \_\_\_\_\_ Sexo: ( )m ( )f  
 Nome do filho(a): \_\_\_\_\_

Responda a tabela a seguir fazendo um X no quadrinho que melhor indicar a frequência com que **você** age nas situações relacionadas; mesmo que a situação descrita nunca tenha ocorrido, responda considerando o seu possível comportamento naquelas circunstâncias.

Utilize a legenda de acordo com o seguinte critério:

**NUNCA:** se, considerando 10 episódios, você agiu daquela forma entre 0 a 2 vezes.

**ÀS VEZES:** se, considerando 10 episódios, você agiu daquela forma entre 3 a 7 vezes.

**SEMPRE:** se, considerando 10 episódios, você agiu daquela forma entre 8 a 10 vezes.

Entre 10 episódios

	8 a 10	3 a 7	0 a 2
	Sempre	Às vezes	Nunca
1. Quando meu filho(a) sai, ele(a) conta espontaneamente onde vai.			
2. Ensino meu filho(a) a devolver objetos ou dinheiro que não pertencem a ele(a).			
3. Quando meu filho(a) faz algo errado, a punição que aplico é mais severa dependendo de meu humor.			
4. Meu trabalho atrapalha na atenção que dou a meu filho(a).			
5. Ameaço que vou bater ou castigar e depois não faço nada.			
6. Critico qualquer coisa que meu filho(a) faça, como o quarto estar desarrumado ou estar com os cabelos despenteados.			
7. Bato com cinta ou outros objetos nele(a).			
8. Pergunto como foi seu dia na escola e o ouço atentamente.			
9. Se meu filho(a) colar na prova, explico que é melhor tirar nota baixa do que enganar a professora ou a si mesmo(a).			
10. Quando estou alegre, não me importo com as coisas erradas que meu filho(a) faça.			

	Entre 10 episódios		
	8 a 10	3 a 7	0 a 2
	Sempre	Às vezes	Nunca
11. Meu filho(a) sente dificuldades em contar seus problemas para mim, pois vivo ocupado(a).			
12. Quando castigo meu filho(a) e ele pede para sair do castigo, após um pouco de insistência, permito que saia do castigo.			
13. Quando meu filho(a) sai, telefono procurando por ele(a) muitas vezes.			
14. Meu filho(a) tem muito medo de apanhar de mim.			
15. Quando meu filho(a) está triste ou aborrecido(a), interesso-me em ajudá-lo a resolver o problema.			
16. Se meu filho(a) estragar alguma coisa de alguém, ensino a contar o que fez e pedir desculpas.			
17. Castigo-o(a) quando estou nervoso(a); assim que passa a raiva, peço desculpas.			
18. Meu filho(a) fica sozinho em casa a maior parte do tempo.			
19. Durante uma briga, meu filho(a) xinga ou grita comigo e, então, eu o(a) deixo em paz.			
20. Controlo com quem meu filho(a) fala ou sai.			
21. Meu filho(a) fica machucado fisicamente quando bato nele(a).			
22. Mesmo quando estou ocupado(a) ou viajando, telefono para saber como meu filho(a) está.			
23. Aconselho meu filho(a) a ler livros, revistas ou ver programas de TV que mostrem os efeitos negativos do uso de drogas.			
24. Quando estou nervoso(a), acabo descontando em meu filho(a).			
25. Percebo que meu filho(a) sente que não dou atenção a ele(a).			
26. Quando mando meu filho(a) estudar, arrumar o quarto ou voltar para casa, e ele não obedece, eu "deixo pra lá".			
27. Especialmente nas horas das refeições, fico dando as "brincas".			
28. Meu filho(a) sente ódio de mim quando bato nele(a).			
29. Após uma festa, quero saber se meu filho(a) se divertiu.			
30. Converso com meu filho(a) sobre o que é certo ou errado no comportamento dos personagens dos filmes e dos programas de TV.			
31. Sou mal-humorado(a) com meu filho.			
32. Não sei dizer do que meu filho(a) gosta.			
33. Aviso que não vou dar um presente para meu filho(a) caso não estude, mas, na hora "H", fico com pena e dou o presente.			
34. Se meu filho(a) vai a uma festa, somente quero saber se bebeu, se fumou ou se estava com aquele grupo de maus elementos.			
35. Sou agressivo (a) com meu filho(a).			
36. Estabeleço regras (o que pode e o que não pode ser feito) e explico as razões sem brigar.			
37. Converso sobre o futuro trabalho ou profissão de meu filho, mostrando os pontos positivos ou negativos de sua escolha.			
38. Quando estou mal-humorado(a), não deixo meu filho(a) sair com os amigos.			
39. Ignoro os problemas de meu filho(a).			
40. Quando meu filho fica muito nervoso(a) em uma discussão ou briga, ele(a) percebe que isto me amedronta.			
41. Se meu filho(a) estiver aborrecido(a), fico insistindo para ele contar o que aconteceu, mesmo que ele(a) não queira contar.			
42. Sou violento(a) com meu filho(a).			

Este inventário é referente à obra *Inventário de Estilos Parentais*.